

VACINAS, DESINFORMAÇÃO E POLARIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE MÍDIAS DIGITAIS

JÉSSIE ELLEN LOPES PASSOS¹;
RAQUEL DA CUNHA RECUERO²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – jessie.passos@aluno.riogrande.ifrs.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas 2 – raquelrecuero@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, não se limitou apenas a uma crise sanitária. No Brasil, além dos impactos na saúde pública, o período foi marcado por disputas informacionais que se intensificaram nas mídias digitais. O país, que anteriormente foi destaque em campanhas de vacinação e era reconhecido mundialmente por esse feito, passou a enfrentar quedas nas coberturas vacinais, fenômeno alimentado pela circulação de desinformação e pelo fortalecimento de narrativas polarizadas.

O tema da vacinação, antes associado a consenso técnico e institucional, transformou-se em marcador ideológico. Grupos políticos e lideranças usaram as plataformas digitais para difundir boatos e colocar em dúvida a eficácia das vacinas, ao mesmo tempo em que promovem curas alternativas e o chamado “kit COVID”. Nesse cenário, compreender a relação entre desinformação e polarização é fundamental para analisar os desafios atuais da comunicação na saúde.

Este trabalho apresenta uma revisão de literatura complementada por um questionário exploratório aplicado em 2025. O formulário teve como objetivo comparar e confirmar, de maneira inicial, percepções discutidas por outros autores, investigando, assim, a visão que os usuários de redes têm sobre polarização, *fake news* e circulação de conteúdos ligados à vacinação.

2. MÍDIAS DIGITAIS E SUA RELAÇÃO COM A DESINFORMAÇÃO

A discussão sobre desinformação ganhou centralidade nos estudos de comunicação nos últimos anos. Wardle e Derakhshan (2017) definem a desordem informacional como a combinação de má-informação, desinformação e informação manipulada, capaz de gerar confusão e abalar a confiança social. Shao *et al.* (2018) demonstram como contas automatizadas e redes de compartilhamento acabam potencializando esse processo nas plataformas digitais.

No contexto da pandemia, a OMS (2020) destacou o termo infodemia para descrever o excesso de informações, em que dados confiáveis se misturam a boatos e opiniões, dificultando a tomada de decisões e a percepção do que é ou não verídico. Essa dinâmica atingiu diretamente as políticas de vacinação, que deixaram de ser apenas um tema técnico para se transformar em campo de disputa política. No Brasil, autores como Galhardi *et al.* (2022) e Leal *et al.* (2022) destacam que a circulação de *fake news* sobre vacinas teve um aumento por lideranças políticas e influenciadores digitais, o que reforçou a construção de que a vacinação se tornou um tema de polarização, atravessado por disputas ideológicas que repercutiram na manifestação da população. Isso mostra que a

desinformação não se limita a boatos pontuais, mas se articula com contextos políticos mais amplos, redefinindo a relação entre ciência, mídia e sociedade.

3. METODOLOGIA

O estudo combina análises bibliográficas com aplicação de um questionário online, feito de forma anônima e voluntária. O formulário contou com 80 respostas, com pessoas de idades entre 16 e 44 anos, majoritariamente das regiões Sul e Sudeste. As questões escolhidas para compor o questionário abordaram percepção de polarização, exposição a *fake news*, plataformas mais utilizadas e contato com conteúdos sobre o “kit COVID” e a desinformação sobre a vacinação. O objetivo do questionário não foi oferecer resultados representativos da população brasileira, mas sim ajudar na análise e confirmar tendências apontadas pelos autores, funcionando como apoio à reflexão teórica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados através do formulário, mostram que a maioria dos participantes percebe o debate sobre vacinas como muito polarizado (58%), seguido de moderadamente polarizado (25%). Apenas 15% indicaram baixa ou nenhuma polarização. Esse resultado demonstra que a análise de Gonçalves *et al.* (2025), que descreve a vacinação como um dos temas centrais da disputa ideológica no país. A percepção dos participantes confirma que, mesmo após o período crítico da pandemia, a vacinação continua marcada por divisões políticas.

Mais de 70% afirmaram já ter visto *fake news* sobre vacinas nas mídias digitais, como boatos de infertilidade, alteração genética ou risco de efeitos colaterais graves. Embora a média das respostas indique baixa concordância com essas afirmações (1,3 para infertilidade, 1,4 para alteração de DNA, 2,0 para efeitos graves, em uma escala de 1 a 5), os dados mostram que tais narrativas seguem circulando e gerando dúvidas na população. Além disso, cerca de 20% admitiram já ter compartilhado informação sobre vacinas sem checar sua fonte e sua veracidade. Esse dado é importante, pois demonstra que, mesmo quando não há concordância plena com boatos, o hábito de repassar conteúdos sem checar favorece a ampliação da sua circulação. Leal *et al.* (2022) já haviam destacado esse processo como um dos motores da infodemia, relacionando os resultados obtidos com o conteúdo bibliográfico explorado na pesquisa.

O “kit COVID” também apareceu de forma recorrente. Mais de 70% dos colaboradores relataram ver conteúdos relacionados ao tema frequentemente, isso pode confirmar os estudos que apontam a centralidade das curas alternativas na comunicação política durante a pandemia, em detrimento da promoção da vacinação como alguns autores citaram anteriormente.

As plataformas mais citadas foram *Instagram*, *X* (antigo *Twitter*), *Facebook* e *YouTube*, seguidas de *WhatsApp* e *TikTok*. Esse resultado se aproxima do que outras pesquisas apontam sobre os espaços de maior circulação de desinformação no Brasil.

5. CONCLUSÕES

Os resultados iniciais confirmam que a circulação de desinformação nas mídias digitais esteve diretamente ligada à polarização em torno das vacinas durante e após a pandemia de COVID-19. O questionário reforça algumas das

percepções já discutidas em pesquisas acadêmicas: a grande presença de *fake news*, a persistência de boatos, a influência curas milagrosas e a centralidade das redes sociais na difusão de conteúdos.

Em relação à confiança, os resultados atribuíram maior credibilidade a profissionais de saúde (4,7 em média, em escala de 1 a 5) e a instituições científicas, como a Fiocruz (4,5). Já o Ministério da Saúde recebeu nota um pouco menor (4,2), refletindo o desgaste institucional vivido no período.

Por fim, o estudo aponta caminhos, que ainda existe uma certa confiança nos profissionais de saúde e instituições científicas, mostrando que ainda existe espaço para recuperar a adesão vacinal por meio de uma comunicação clara e responsável. Como pesquisa inicial, os resultados servem de base para análises mais aprofundadas e para a construção de estratégias de enfrentamento à desinformação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cobertura de 13 das 16 vacinas do calendário infantil apresentou alta em 2023**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/abril/cobertura-de-13-das-16-vacinas-do-calendario-infantil-apresentou-alta-em-2023>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FIOCRUZ BRASÍLIA. **Pesquisa indica redução da confiança na ciência e nas vacinas no Brasil**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/pesquisa-indica-reducao-da-confianca-na-ciencia-e-nas-vacinas-no-brasil/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GALHARDI, C. P. et al. **Fake news and vaccine hesitancy in the COVID-19 pandemic in Brazil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/PBmHtLCpJ7q9TXPwVZ3kGH/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GONÇALVES, B. A. et al. **Controversies about COVID-19 vaccines and vaccine hesitancy in Brazil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 30, n. 5, e14472023, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2025.v30n5/e14472023/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

INSTITUTO BUTANTAN. **Maioria dos municípios brasileiros não atingiu a meta de cobertura para vacinas do calendário infantil em 2023**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/maioria-dos-municipios-brasileiros-nao-atingiu-a-meta-de-cobertura-para-vacinas-do-calendario-infantil-em-2023>. Acesso em: 2 ago. 2025.

LEAL, A. R. B. R. et al. **Negationism and anti-vaccine misinformation by Jair Bolsonaro and family: a communication analysis**. *SciELO Preprints*, 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7897>. Acesso em: 15 jul. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Managing the COVID-19 infodemic: promoting healthy behaviours and mitigating the harm from misinformation**

and disinformation. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/334287>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **PAHO re-verifies Brazil as a measles-free country.** Washington, 2024. Disponível em: <https://www.paho.org/en/news/12-11-2024-paho-re-verifies-brazil-measles-free-country>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SAAVEDRA, R. C. et al. **Is Brazil reversing the decline in childhood immunization coverage?** *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12115689/>. Acesso em: 2 ago. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making.* Estrasburgo: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-report-november-2017/1680764666>. Acesso em: 21 ago. 2025.